

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Escola Técnica do Senai em Petrolina**

Petrolina-PE, 04 de setembro de 2007

Meu caro companheiro Eduardo Campos, governador do estado de Pernambuco,

Meu caro Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Deputados federais Armando Monteiro Neto, presidente da Confederação Nacional da Indústria-CNI; Edson Duarte, Fernando Coelho Filho, Fernando Ferro e Gonzaga Patriota,

Senhor Odacy Amorim de Souza, prefeito de Petrolina,

Meus amigos prefeitos das cidades do interior de Pernambuco e da Bahia,

Companheiro Fernando Bezerra Coelho, secretário estadual de Desenvolvimento e Tecnologia,

Deputados estaduais,

Deputadas,

Vereadores e vereadoras,

Meu caro Jorge Corte Real, presidente da Federação das Indústrias do estado de Pernambuco,

Professor José Manoel de Aguiar Martins, diretor nacional do Senai,

Professor Carlos Maranhão, diretor regional do Senai de Pernambuco,

Professor Flávio Guimarães, diretor da Escola Técnica do Senai em Petrolina,

Michel Ferreira da Silva, representante dos alunos da Escola Técnica do Senai em Petrolina,

Meus queridos alunos e alunas do Senai Petrolina,

Meus queridos companheiros professores e professoras, que fazem parte do corpo docente,

Meu querido representante do Sindicato dos Vaqueiros aqui, da cidade de Petrolina e região,

Meus companheiros e companheiras,

O dia seria mais feliz se, ao terminar este ato aqui, o Armando Monteiro nos convidasse para ir ao Bodódromo ali, comer um bode assado. Não vai ser possível, porque nós estamos com a agenda atrasada e eu preciso chegar em Brasília hoje.

Mas o dia hoje foi gratificante, e não poderia terminar melhor do que está terminando. Hoje nós fomos a Recife inaugurar um terminal do Porto de Suape, começar a terraplanagem da refinaria que ninguém mais acreditava que ela viesse aqui para Pernambuco. Depois fomos a Sergipe inaugurar a primeira plataforma, que eu vou dizer, a primeira plataforma redonda, centrífuga, em Sergipe, a primeira do mundo que começou hoje a ser inaugurada pela Petrobras. E, depois de sair de Recife e ir a Aracaju, estamos voltando a Petrolina. Portanto, num único dia, duas vezes ao estado de Pernambuco, e eu duvido que não seja a primeira vez que um presidente vem, no mesmo dia, duas vezes a Pernambuco.

Mas eu queria, Michel, que você viesse aqui perto, porque eu, se tivesse bom senso, utilizaria o discurso do Michel, agradeceria a vocês e iria embora. Por quê? Porque na verdade, Michel, eu me formei no Senai em 1963, e a minha sensação do Senai foi exatamente a sensação descrita por você aqui, nos cinco minutos em que você falou. O Senai, eu não canso de repetir isso, foi a mudança que eu tive para deixar de ser um trabalhador de salário mínimo. O Senai foi o lugar que abriu a minha cabeça para me formar e ser um trabalhador qualificado, portanto, ser um trabalhador que ganhava um pouco mais que o salário mínimo. E a sensação que eu tinha no Senai era que, como eu era muito pobre e morava numa vila muito pobre, quem conhece São Paulo, eu morava na Vila Carioca, onde era a Vemag, aquela indústria automobilística perto da divisa de São Paulo com São Caetano, e eu não tinha muito perspectiva, como certamente não tem perspectiva uma grande parte da juventude brasileira hoje. E foi através desse curso que eu tive as oportunidades que eu acho que vocês vão ter se levarem a sério a educação de vocês.

Quando a gente tem 14 ou 15 anos, e eu posso falar agora porque já passei pelos 14 e vocês ainda não passaram pelos 60, portanto, eu tenho possibilidade de dizer para vocês isso. Quando a gente tem 14, 15, 16, 17 anos

de idade, o mundo é uma coisa tão sonhadora que a gente, muitas vezes, não percebe as oportunidades que se apresentam para nós e nós, muitas vezes, ficamos deixando para o ano que vem. É como fazer regime. Todo mundo diz que vai começar a fazer regime na segunda-feira. “Ah, hoje é sábado e domingo, eu não vou parar, mas amanhã eu começo”. Aí, não começa. Na outra semana: “Ah, hoje eu não vou parar, é sábado e domingo, mas na segunda eu começo”. Também estudar é assim. Quando as pessoas são jovens, se não têm um pai e uma mãe que os force a estudar, e falam: “Ah, o ano que vem eu vou fazer, o mês que vem eu vou fazer, o semestre que vem eu vou fazer”. E não percebem que o tempo vai passando. E se jogam fora as oportunidades que tiveram, o que vai acontecer? Daqui a pouco arrumam uma namorada, casam, aí têm filho e tudo fica mais difícil, porque além de não ter uma profissão, vão ter que cuidar da mulher, depois vem um filho, depois vem dois, e tudo fica mais difícil.

Eu estou dizendo isso porque eu tive a oportunidade de fazer uma visita aí dentro da escola com os companheiros que estão aqui. Eu vi a quantidade de meninas e meninos e sei que pessoas de 16 anos, 17 anos, 18 anos... eu queria dizer para vocês: não joguem fora essa oportunidade. Deus não dá muitas oportunidades se a gente não aproveita a primeira que ele está nos dando. E essa oportunidade, posso dizer para vocês de cátedra: essa oportunidade é de ouro e vocês não podem abandonar. Isso não significa que vocês, necessariamente, tenham que exercer, a vida inteira, a profissão que vocês aprenderam aqui. Mas essa profissão que vocês aprenderam aqui é que vai permitir que vocês possam arrumar emprego em Petrolina, se não tiver em Petrolina, em Recife, se não tiver em Recife, em Porto Alegre, se não tiver em Porto Alegre, em Salvador, se não tiver em Salvador, em São Paulo, ou em qualquer lugar. Por quê? Porque vocês viraram profissionais e profissional tem muito mais chance de trabalhar do que um cidadão ou uma cidadã que não tem profissão.

Segunda coisa que eu considero importante. Quando o trabalhador tem carteira profissional assinada, Michel, é fácil, mesmo em tempo de dificuldades, é fácil para ele arrumar um emprego. Às vezes ele anda em dez fábricas, mas ele vai fazendo ficha. Na hora em que tem uma vaga, a empresa manda uma carta convidando o trabalhador que tem uma profissão. Mas se a pessoa não

tem uma profissão, uma menina de 17, 18 anos que não tem profissão, ela pode passar dez semanas procurando emprego e deixando currículo. Ninguém vai chamá-la, porque ela não tem profissão. E, para a mulher, a independência econômica causada por uma profissão é quase uma coisa necessária para que ela não fique dependente. A mulher que fica independente é muito mais mulher, é muito mais política. Se as meninas se convencem de que elas não têm que estudar “ah, vou casar com o Michel, eu não preciso estudar, ele vai me sustentar”. Mas se o Michel depois não vira “boa bisca” e não vira um bom marido, e ela está dependente, é obrigada a agüentar desaforo dentro de casa, é obrigada a ouvir o que não quer. Agora, se ele ficar desempregado, ela não vai ter como ajudar no orçamento familiar. Então, para a mulher, se formar é quase a conquista da independência de um país, ou seja, é ela morar com um homem porque ela gosta e não por obrigação, não por dependência.

Uma outra coisa importante, Michel, é que você não pode se contentar com o curso que você fez. Eu estou te dizendo isso agora porque eu me contentei com o curso que eu fiz. Eu tinha quase 18 anos quando me formei, minha mãe e duas irmãs moravam comigo, a gente pagava aluguel, tive que arrumar um emprego à noite porque ganhava 25% a mais, e eu ainda fazia duas horas extras por noite, todos os dias, Armando, duas horas extras que era para poder pagar o aluguel e cuidar da minha mãe e das duas irmãs. Então, eu não estudei mais, parei. Aí, arrumei emprego numa fábrica grande, passei logo a ganhar mais que dez salários mínimos porque, naquele tempo, torneiro mecânico era uma profissão importante, torneiro, frisador, mandrilador. Eu passei a ganhar um salário razoável e eu sempre fui um trabalhador que fazia, no mínimo, 40 horas extras por mês, porque eu dizia “os meus vícios eu quero sustentar com as horas extras para não mexer no meu salário”. Eu parei de estudar, mas eu queria te dar um conselho: não pare, não. Não pare, porque você chegou até aqui, o mundo se abriu para você. Você pode trabalhar, pode ganhar um salário, um salário melhor, pode pagar um curso melhor, pode se formar doutor e pode atender a uma demanda que o Brasil está precisando hoje.

Qual foi o problema do Brasil? De 1980 até pouco tempo atrás, a economia não crescia, a economia não crescendo, as empresas não investiam; as empresas não investindo, não geravam empregos; você, não tendo

emprego, ia criando um exército de jovens desempregados no País. Quando vocês olharem na televisão as imagens mostrando jovens de 24, 25 anos presos, aqueles jovens são filhos do resultado de políticas econômicas equivocadas neste País, que não geraram emprego para milhões de jovens, que não deram oportunidade.

Agora nós encontramos uma nova situação: o País começa a crescer, o mercado interno cresce como há muito tempo não crescia. Quando há uma demanda grande, as empresas, primeiro, começam a pedir hora extra, depois as empresas fazem um segundo turno, depois as empresas fazem um terceiro turno. E se a coisa continua crescendo, o que vai acontecer? A empresa vai construir um pavilhão a mais, a empresa vai contratar trabalhador a mais, vai gerar mais emprego, vai gerar mais consumo e a economia vai crescendo durante muitos anos. Nós estamos criando as condições para que a economia brasileira tenha um crescimento sustentável.

Qual é o problema que nós temos? Nós temos hoje, já, um problema de falta de mão-de-obra qualificada, porque durante 26 anos a economia não cresceu, não houve uma reciclagem na formação profissional. Hoje, com o PAC, nós já estamos percebendo que está faltando engenheiro na área da construção civil, porque se passou mais de 20 anos com a indústria da construção civil sem crescer e agora, que tudo começou a dar certo, nós precisamos correr atrás para formar profissionais.

Então, Michel, o que está acontecendo aqui com você, com essas meninas e com esses meninos que estão estudando aqui, é como se fosse uma espécie de milagre da natureza. Vocês tiveram uma oportunidade, pelo amor de Deus, não a larguem, porque um jovem de 20 anos não tem o direito de dizer que está com dificuldade. Quando a pessoa está com 60, como eu, 62, qualquer dificuldade a gente já pensa que está na hora da morte, mas vocês estão no começo da vida. Cada vez que baixar o astral de vocês, levantem a cabeça. Levantem a cabeça porque vocês têm pela frente mais de 2/3 da vida que vocês vão viver, portanto, vocês precisam construir este País melhor do que nós construímos.

E, depois, se vocês estudarem no Senai, vocês têm a chance até de virar presidente da República, como eu virei. Eu não preciso dizer para vocês que presidente da República é um cargo pretendido por muita gente, mas como

só tem uma vaga, as pessoas do Senai têm mais chance. É porque antigamente era só gente da universidade, era advogado, era professor, aí nós agora resolvemos que com o Senai vai-se chegar lá. E, depois de mim, quem sabe, pode vir o Michel, que ainda não está com a idade, Michel, mas você vai se preparar.

Então, Armando, eu queria terminar dizendo a você que é gratificante terminar o dia numa escola do Senai, porque a minha vida, por mais que eu pense, eu sei que eu devo o que sou a um simples curso de torneiro mecânico, porque abriu minha cabeça. Eu sei o que é ganhar um salário mínimo e, depois, passar a ganhar 10. Viu, Michel? Por conta da profissão no Senai, eu fui o primeiro, de uma família de oito, a ter um carro, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter uma geladeira, e fui o primeiro a ganhar mais que 10 salários mínimos.

Então, eu queria terminar dizendo para a juventude que está fazendo o curso aqui, e eu sei que a escola vai comportar quase 6 mil alunos: peguem essa oportunidade com unhas e dentes. Quando vocês acharem que o professor está chato, quando vocês acharem que a professora está chata, vocês têm que se lembrar que quem sabe os chatos sejam nós, que não compreendemos que eles têm que ser duros com a gente, para a gente poder aprender as coisas.

Então eu queria, Armando, dar os parabéns. Eu sei que o investimento aqui é grande e nós estamos apostando em levar a educação para o interior do País, porque se a gente não leva, Armando, o que vai acontecer? Se as oportunidades de trabalho e de estudo são apenas na capital, vai todo mundo para a capital, vai todo mundo procurar emprego na capital e todo mundo querer estudar na capital. Como a capital não oferece oportunidade para todo mundo, o que acontece? Primeiro vem um barraco, depois dois barracos, três barracos, quatro barracos, mil barracos, dois mil barracos. Daqui a pouco a gente vê que a região metropolitana está entupida de gente, morando apinhados, uns em cima dos outros, sem água potável, sem asfalto, sem esgoto, sem condições humanas e sem emprego. Se a gente leva as escolas para o interior e leva também, atrás das escolas, as oportunidades de trabalho para o interior, o que vai acontecer? A gente vai distribuir o crescimento do estado, o crescimento do País e, daqui a pouco, a gente vai perceber que não

é preciso ter favelas em Recife, não é preciso ter favelas em São Paulo, não é preciso ter favelas em Manaus. Por quê? Porque as oportunidades foram levadas para todas as cidades e para todas as regiões.

Por isso, Armando, meus parabéns. Somente uma instituição que tem o privilégio de ter uma escola como a do Senai e saber a importância do Senai para a formação profissional, para a indústria brasileira e para o nosso País é que poderia creditar numa cidade do interior de Pernambuco uma escola desta envergadura. Para alguns, Armando, pode não ser nada, para mim uma escola desta equivale a uma universidade em qualquer outro lugar deste País.

Muito obrigado, parabéns e boa sorte aos alunos.